

O JARDIM INVISÍVEL DA COROA: Botânica, poder e ornamentação no tesouro real

No coração do Palácio da Ajuda, o tesouro real revela-se como um jardim inesperado — não de terra e raízes, mas de ouro, esmalte e memória.

TEXTO
LUÍS MENDONÇA DE CARVALHO
FOTOGRAFIAS
MARGARIDA BARROS, MUSEU DO TESOURO REAL

Entre joias e insígnias, as plantas emergem como símbolos silenciosos de poder, tecendo uma narrativa onde Natureza e autoridade se entrelaçam com surpreendente sofisticação. O Museu do Tesouro Real, em Lisboa, reúne uma das mais notáveis coleções régias da Europa. Instalado no Palácio Nacional da Ajuda, apresenta joias, insígnias e objetos de luxo que testemunham poder, riqueza e história da monarquia portuguesa, oferecendo uma leitura singular do património régio nacional. A coleção pode ser estudada como se de um jardim se tratasse. Não um jardim convencional, feito de canteiros e caminhos, mas um jardim simbólico, onde as plantas surgem representadas em ouro, prata, esmalte, âmbar ou azeviche.

Um jardim sem terra: A Natureza como linguagem régia
As plantas estão presentes de forma explícita, associadas a mensagens de poder e domínio do mundo natural, ou de forma mais subtil, enquanto elementos decorativos que estruturam o gosto e a estética da corte portuguesa. Em ambos os casos, revelam uma relação profunda entre o universo vegetal e a construção da identidade régia. Há algo de particularmente revelador nesta perspetiva: o que, à primeira vista, parece um mero ornamento transforma-se num sistema coerente de significados. Flores, frutos, folhas e árvores assumem funções simbólicas ligadas à fertilidade, abundância, exotismo ou domínio territorial. Neste contexto, este “jardim” deixa de ser apenas uma coleção para se afirmar como



VISTA GERAL DA EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA



NÚCLEO DO CHÁ



NÚCLEOS DA PIMENTA E DO TABACO

uma linguagem interpretativa e simbólica.

Entre louros e palmeiras: Símbolos de glória e eternidade

Entre as peças mais notáveis da coleção, destaca-se a insígnia do Tosão de Ouro, datada de cerca de 1800 e encomendada pelo rei D. João VI. Trata-se de uma das mais impressionantes joias régias da Europa, tanto pela riqueza material (cerca de 1741 diamantes, 190 rubis e uma safira), como pela complexidade da linguagem simbólica. A composição integra motivos vegetais como palmas, louros e carvalhos, associados à vitória, à glória e ao poder régio, evocando, simultaneamente, tradições clássicas greco-romanas e referências cristãs. Assim, esta peça afirma-se como uma síntese entre arte, Natureza, história e autoridade política.

Botânica global: Plantas que desenharam impérios

A exposição temporária *Do Jardim ao Trono: A Botânica no Tesouro Real* propõe um percurso simultaneamente simbólico e material, revelando uma dimensão frequentemente ignorada das coleções régias: o papel central das plantas nas redes económicas, diplomáticas e culturais que sustentaram o poder ao longo dos séculos. Neste contexto, o comércio de espécies provenientes de outros continentes assumia uma função estratégica, pois evidenciava não só o alcance global, mas também o conhecimento e a capacidade para controlar



1.



2.



3.



4.



recursos naturais.

No caso português, esta ligação entre botânica e poder adquiriu particular relevância porque a expansão marítima colocou o país no centro da circulação global de espécies vegetais que se tornaram símbolos de poder e distinção, contribuindo para redefinir o gosto europeu e os seus rituais sociais. Mais do que produtos de consumo, as plantas eram instrumentos de influência — controlar o seu acesso significava moldar hábitos e relações sociais, bem como definir hierarquias.

Da semente ao símbolo: A transformação da Natureza em arte

A exposição organiza-se em nove núcleos temáticos: chá da China; cacau da Mesoamérica; café, inicialmente de África (Etiópia) e depois da América

1. INSÍGNIA DO TOSÃO DE OURO.
2. DOM JOÃO VI COROADO DE LOUROS, NUMA MEDALHA COMEMORATIVA DA TOMA DA CIDADE DE CAIENA AOS FRANCESES.
3. SEMENTES DE CACAU EM PORCELANA DE MEISSEN.
4. PULSEIRAS DE AZEVICHE.



MAIS DO QUE ORNAMENTO, CADA FOLHA, FRUTO OU FLOR REPRESENTADO NO TESOURO REAL AFIRMA UMA IDEIA DE DOMÍNIO — SOBRE A NATUREZA, SOBRE O TERRITÓRIO E, SUBTILMENTE, SOBRE O PRÓPRIO TEMPO"

do Sul; tabaco da América; cocos do Índico; pimenta-preta e pimenta-branca da costa do Malabar; âmbar do Báltico; azeviche de Inglaterra e da Galiza; e alfarroba do Mediterrâneo Oriental. Cada núcleo evidencia um aspeto essencial: a transformação da Natureza em arte. Serviços de chá em porcelana e prata decorados com

motivos florais, caixas de rapé ornamentadas com palmetas, cocos engastados em prata e joias em âmbar ou azeviche — matéria orgânica fossilizada associada à joalharia de luto —, ou ainda sementes de alfarrobeira que ajudaram a definir a unidade de peso das pedras preciosas (quilate = 200 mg), ilustram este processo de metamorfose.